

Um exemplo para a comunidade cultural

Orlando Moraes

Na oportunidade de inauguração, em Cachoeiro de Itapemirim, da Casa dos Braga, de cuja família a figura mais importante é Rubem Braga, cronista de projeção nacional, é válido escrever mais uma vez sobre seu irmão Newton Braga, com quem, no período de 1940 a 1957, convivi mais de perto e trabalhei no Partido Socialista, na Rádio Cachoeiro, na Galo-Publicidade e editando algumas revistas sobre Cachoeiro e outros municípios vizinhos.

Newton Braga não era apenas um poeta, um lírico, um excêntrico, “um observador irônico e sentimental do mundo”. Era também um bom trabalhador e eficiente administrador nas áreas do esporte, das artes, da cultura em geral, do lazer e do bem-estar social. Até a década de 50 não havia em Cachoeiro, nem mesmo em nosso Estado, organismo público para supervisionar essas atividades, que apenas recebiam algum estímulo da Prefeitura e do Governo estadual, de preferência através da rede oficial de ensino, onde se situava a faixa etária mais interessada no assunto. O saudoso poeta era quem, de livre e espontânea vontade, sem qualquer remuneração, comandava, inspirava, estimulava e protegia todas estas atividades em Cachoeiro.

O candidato a jornalista ou a escritor, com suas frustrações, o poeta desajustado, com sua poesia, o músico com seus permanentes problemas financeiros, os jovens desejosos de se realizarem e se projetarem no teatro, no canto ou na dança, o pintor pretendendo o reconhecimento de sua arte, o conferencista em busca de um patrocínio remunerador, o político necessitado de um discurso convincente, o amante das brigas de galo ou de canário, o dono de circo, o dirigente de futebol, o grupo da sociedade carnavalesca, todos se dirigiam ao Newton, que sempre contribuía com uma ajuda, uma idéia, uma orientação, um ensinamento.

Ele não dispunha de uma burocracia a seu serviço, não tinha gabinete ou escritório, nem secretárias ou funcionários, e muito menos automóvel, telefone, máquinas e equipamentos. Sozinho, em sua mesa cativa do velho Bar Vitória ou do tradicional Belas Artes, tomando seu aperitivo antes do almoço ou do jantar, atendia sua numerosa clientela e resolvia a maioria dos problemas com facilidade e simplicidade incomuns.

Recordo com saudade o perfeito e autêntico jornalista que redigia sozinho o “Correio do Sul”, bissemanário fundado por seu irmão Armando, cuja oficina e redação funcionavam no andar inferior do antigo e histórico prédio da Prefeitura Municipal (demolido por administradores insensatos). O simpático jornalzinho do interior, nas mãos de Newton, era uma arma valiosa a serviço da comunidade, a cujos leitores levava a notícia simples e singela de todos os fatos, de todos os setores, de todas as atividades, sem sutis ou grosseiras distorções.

Em Cachoeiro daquele tempo, ter ou não ter sucesso uma promoção cultural, haver ou não haver carnaval, o esporte recrudescer de animação ou entrar em recesso, enfim, qualquer atividade do gênero dependia muito do “Correio do Sul”, e particularmente de Newton. A consolidação do “Dia de Cachoeiro”, por ele criado, foi conquistada principalmente através daquele jornal. Era impressionante a habilidade com que ele, a partir de março ou abril de cada ano, nas páginas do velho bissemanário, ia chamando a atenção do “povão”, ia despertando seu interesse, num crescendo de notícias que culminava com as edições especiais de 29 de junho, dia máximo da popular festa do Cachoeirense Ausente.

Aliás, a criação do “Dia de Cachoeiro” foi sua melhor contribuição prática e objetiva à manutenção das tradições culturais de sua gente. A festa tem aquele toque do poeta, humano e sentimental, do reencontro e do abraço de amigos e de conterrâneos. Mas é

também, com a grande afluência de visitantes, um ótimo incentivo a toda sorte de manifestação e exibição do que ali se faz e produz na música, na pintura, na literatura, no teatro, na dança, sobretudo nas artes mais populares.

Apesar de toda essa atividade, Newton ainda encontrava tempo para colaborar em jornais e revistas do Rio e de Belo Horizonte, para fazer poesia da melhor que já se fez em nosso Estado, para publicar livros como “História de Cachoeiro”, “Lirismo Perdido”, “Cidade do Interior” e “Poesia e Prosa” e para pesquisar e ler muito nas noites indormidas como aquela em que morreu, recostado na cama, com um livro sobre o peito, “sem amolar ninguém”.

Recentemente, aqui em Vitória, a Fundação Pedroso Horta promoveu um seminário em que se gastou muito tempo, papel e dinheiro, com o objetivo de obter, de todas as camadas da sociedade, sugestões ao programa de governo de Max Mauro e, na área da cultura, registraram-se muitos entendimentos e poucas idéias práticas e viáveis sobre a melhor política para o setor, motivo por que, ao lembrar a figura do poeta Newton Braga, senti que a comunidade cultural do Espírito Santo bem poderia aprofundar-se um pouco no estudo de sua vida e sua obra, para adotar seus métodos simples, criativos e despreziosos mas eficientes, na administração da cultura.

O autor, 70 anos, é capixaba de Vitória, mas viveu 40 anos em Cachoeiro de Itapemirim. Escreveu Cadernos de Crônicas, Não Fica Bem a Revolução Chegar a Pé (crônicas e relatos), Da Itália ao Brasil (história) e Seu Manduca e Outros Mais (romance).
